

## II.9. L'invenzione di una nazione e il superamento del Romanticismo: storia e narrazioni

**Testo 9.2 Alexandre Herculano, [Lo stato della nostra Letteratura] in "Qual é o Estado da Nossa Literatura? Qual é o Trilho que Ela Hoje Tem a Seguir?" in *Opúsculos IX* (1907), Livraria Bertrand, Lisboa, 1907, pp. 1-8.**

Estas duas perguntas pedem nada menos do que a dolorosa confissão da decadência em que se acha em Portugal a poesia e a eloquência, e o encargo dificultoso de indicar os meios de melhoramento no ensino e no estudo d'elas. Sem pretender que sejam as únicas, nem as melhores, exporemos a série das nossas ideias sobre este duplicado objecto.

A convicção de uma verdade literária produziu nos séculos XVI e XVII um erro na Itália, que, estendendo-se à Espanha e a Portugal, transviou da legítima direcção todos, ou quase todos os escritores da época chamada do Seiscentismo. Sentiu-se que a metáfora, a mais bela de todas as figuras poéticas e oratórias, a mais repetida, a mais necessária mesmo nos discursos comuns da vida, abundava por isso nos bons escritores clássicos e modernos, que já nesse tempo ilustravam a Europa; viu-se que as passagens belas ou sublimes de Horácio, Píndaro e Virgílio, de Dante e Ariosto, deviam-lhe em grande parte a sua beleza e sublimidade, e isto era certo; inferiu-se daí que a metáfora era o principal e talvez o único meio da poesia e eloquência, e que ela devia revestir todas as imagens e sujeitar ao seu império todos os géneros, todos os estilos, e isto foi um erro: a vertigem metafórica se apossou dos poetas e oradores, e, por uma consequência natural, o fundo das ideias esqueceu e só se olhou para as formas: à sombra desta mania prosperavam os conceitos e as agudezas, chegando as letras a cair numa barbárie, que tanto mais irremediável parecia por ser filha da civilização literária já exagerada. *O Zodíaco Soberano*, *Os Cristais de Alma*, *A Fénix Renascida*<sup>1</sup> e outros muitos escritos desse tempo, são lamentáveis monumentos da corrupção de gosto a que chegou Portugal no princípio do décimo oitavo século.

Porém, o mal não foi sem remédio, e os membros da Arcádia fizeram volver as letras à severa singeleza das puras formas da Grécia. Muito se deve a Garção, Gomes e Quita; mas ninguém tanto como Dinis mostrou a superioridade do génio e do gosto que caracterizaram a segunda metade do século XVIII. Dando os seus principais cuidados à poesia chamada pindárica, género difícil pelo audaz das figuras, pelo gigantesco das imagens, ele soube escapar aos defeitos e frioleiras do Seiscentismo que bebera na escola, em composições nas quais era mui fácil introduzir-se o mau gosto; e ainda que Quita e Garção tentaram o mesmo género, em nosso entender, Dinis não foi emulado. Capaz de todos os tons, no burlesco, no pastoril, no ditirâmico, nos deixou apreciáveis exemplos, e as suas dissertações sobre a poesia campestre são ditadas por um grande conhecimento da arte, ainda que não excedam em merecimento teórico as anotações de Gomes às próprias poesias, nem os trabalhos de Freire e posteriormente de Barbosa e Fonseca sobre as poéticas de Aristóteles e Horácio.

Entretanto nenhum dos poetas e literatos do século de José I<sup>2</sup> olhou as letras de um ponto de vista eminente. Semelhantes aos escritores do século de Luís XIV, foram muito eruditos, mas pouco filósofos, e assim o carácter das duas literaturas é a confusão dos princípios absolutos com os de convenção. Cingindo-se quase cegamente à autoridade dos antigos, miudeada e explanada pelos comentadores, a sua obediência ilimitada a alheias opiniões contribuiu muito para a posterior decadência. [...]

Enquanto assim entre nós a crítica se apoucava, um sentimento vago de desgosto pelas antigas formas poéticas, a influência da filosofia na literatura, a necessidade que sentia o génio de beber as suas inspirações num mundo de ideias mais análogas às dos nossos tempos, e enfim, várias outras causas difíceis de enumerar, começaram a criar na Europa uma poética nova, ou, digamos antes, a fazer abandonar os cânones clássicos. [...]

Mas a Portugal não coube o figurar nesta lide. A parte teórica da literatura há vinte anos que é entre nós quase nula: o movimento intelectual da Europa não passou a raia de um país onde todas as atenções, todos os cuidados estavam aplicados às misérias públicas e aos meios de as remover. Os poemas *D. Branca* e *Camões* apareceram um dia nas páginas da nossa história literária sem precedentes que os anunciassem, um representando a poesia nacional, *o romântico*; outro a moderna poesia sentimental do Norte, ainda que descobrindo às vezes o carácter meridional de seu autor. Não é para este logro o exame dos méritos e deméritos destes dois poemas; mas o que devemos lembrar é que eles são para nós os primeiros e até agora os únicos monumentos de uma poesia mais liberal do que a de nós mesmos maiores. [...]

1. *O Zodíaco Soberano, Os Cristais de Alma, A Fénix Renascida* sono rispettivamente i sermoni del predicatore Fr. Jorge de Santa Rosa de Viterbo (1726), l'opera poetica di Frei António de Escobar (1673) e il canzoniere di poesia barocca pubblicato tra il 1716 e il 1728.

Opere paradigmatiche del lungo Barocco portoghese.

2. José I, al potere tra il 1750 e il 1777, è conosciuto anche come il «Reformador» grazie all'azione politica condotta con il suo Primo ministro il Marchese de Pombal di modernizzazione del Paese.

### **Qual è lo stato della nostra letteratura?**

### **Qual è la direzione che oggi deve seguire?**

Queste due domande impongono niente di meno che la dolorosa confessione di decadimento in cui si trovano in Portogallo la poesia e l'eloquenza, e il compito difficile di indicare i mezzi per il loro miglioramento nell'insegnamento e nello studio. Senza pretendere che siano le uniche, né le migliori, esporremo una serie di nostre idee su questa doppia questione.

La convinzione di una verità letteraria ha prodotto nei secoli XVI e XVII un errore in Italia, che, estendendosi alla Spagna e al Portogallo, fuorviò dalla giusta direzione tutti, o quasi tutti gli scrittori dell'epoca chiamata Secentismo. Si riteneva che la metafora, la più bella di tutte le figure poetiche e oratorie, la più ripetuta, la più necessaria negli stessi discorsi comuni della vita, abbondava per questo nei buoni scrittori classici e moderni, che già a quel tempo illustravano l'Europa; si vide che i brani belli o sublimi di Orazio, Pindaro e Virgilio, Dante e Ariosto, le dovevano gran parte della loro bellezza e sublimità, e questo era giusto; se ne dedusse che la metafora era il principale e forse l'unico mezzo della poesia e dell'eloquenza, e che doveva rivestire tutte le immagini e assogettare al

suo magistero tutti i generi, tutti gli stili, e questo è stato un errore: la vertigine metaforica ha preso possesso di poeti e oratori, e per una naturale conseguenza, si dimenticò la sostanza delle idee e solo si guardò alla forma: all'ombra di questa mania prosperarono concetti e astuzie, giungendo le Lettere a cadere nella barbarie, che tanto più irrimediabile sembrava in quanto figlia di una civiltà letteraria ormai esagerata. *O Zodíaco Soberano*, *Os Cristais de Alma*, *A Fénix Renascida* e molti altri scritti di quel tempo, sono monumenti spiacevoli della corruzione del gusto che ha raggiunto il Portogallo agli inizi del XVIII secolo.

Ma il male non fu senza rimedio, e i membri dell'Arcadia fecero ritornare le lettere alla severa semplicità delle forme pure della Grecia. Molto si deve a Garção, Gomes e Quita; ma nessuno tanto quanto Dinis ha mostrato la superiorità del genio e del gusto che hanno caratterizzato la seconda metà del XVIII secolo. Prestando la loro principale attenzione alla poesia chiamata pindarica, genere difficile per l'audacia delle figure, per la grandiosità delle immagini, seppe sfuggire ai difetti e alle frivolezze del Secentismo di scuola, in composizioni in cui era molto facile avviarsi al cattivo gusto; e anche se Quita e Garção tentarono lo stesso genere, a nostro avviso, Dinis non è stato ancora emulato. Capace di tutti gli stili, burlesco, pastorale, ditirambico, ci ha lasciato notevoli esempi, e i suoi saggi sulla poesia bucolica sono dettati da una grande conoscenza dell'arte, anche se non superano nel merito teorico le annotazioni di Gomes alle proprie poesie, né i lavori di Freire e successivamente di Barbosa e Fonseca sulla poetica di Aristotele e Orazio.

Tuttavia nessuno dei poeti e letterati del secolo di José I guardò le lettere da un punto di vista eminente. Simili agli scrittori del secolo di Luigi XIV, furono molto eruditi, ma poco filosofi, e così il carattere delle due letterature è la confusione dei principi assoluti con quelli della convenzione. Legandosi quasi ciecamente all'autorità degli antichi, esaminata e spiegata dai critici, la loro obbedienza illimitata alle opinioni degli altri ha contribuito molto al posteriore decadimento. [...]

Quindi mentre tra noi la critica si sminuiva, un vago senso di disgusto per le antiche forme poetiche, l'influenza della filosofia nella letteratura, la necessità che sentiva il genio di derivare le sue ispirazioni da un mondo di idee più simili a quelle dei nostri tempi, e, infine, diverse altre cause difficili da elencare, cominciarono a creare in Europa una nuova poetica, o, diciamo piuttosto, a fare abbandonare i canoni classici. [...]

Ma al Portogallo non spettava comparire in questa disputa. La parte teorica della letteratura sono venti anni che è quasi nulla tra noi: il movimento intellettuale dell'Europa non ha superato la frontiera di un paese in cui tutte le attenzioni, tutte le cure, erano applicate alle miserie pubbliche e ai mezzi per rimuoverle. Le poesie *D. Branca* e *Camões* apparvero un giorno sulle pagine della nostra storia letteraria senza precedenti che le annunciassero, in rappresentanza una della poesia nazionale, il *romantico*; l'altra della moderna poesia sentimentale del Nord, anche se scoprendo a volte il carattere meridionale del suo autore. Non è questa la sede per l'esame dei meriti e demeriti di queste due poesie; ma ciò che dobbiamo ricordare è che sono per noi i primi, e finora gli unici, monumenti di una poesia più liberale di quella dei nostri più grandi. [...]